

## Índigenas descrevem a sensação de deixar a natureza para ocupar Brasília em busca de direitos e visibilidade

Fotos: Carlos Vieira/CB/D.A Press



**ANA CAROLINA, 17 ANOS**  
DESCENDENTE DO  
POVO KADIWÉU; ALDEIA  
LIMÃO VERDE, MATO  
GROSSO DO SUL

- Chegar aqui despertou muitas sensações ao mesmo tempo. Um pouco de surpresa, um pouco de encantamento, um pouco de estranhamento também. Dá saudade de casa, porque é tudo muito diferente. Mas também é uma experiência importante, que faz a gente enxergar outros caminhos, outras realidades. No fim, é isso: um misto de sentimentos.

# Entre os territórios e a capital



**CACIQUE TUCANO, MÁRCIO RAMOS DA SILVA, 37 ANOS**  
ETNIA: TUPINAMBÁ; EXTREMO SUL DA BAHIA

- Sair do território e vir para uma cidade como essa é sempre impactante. Os prédios altos, o concreto, o movimento, tudo isso mostra o quanto os mundos são diferentes. A cidade impressiona, mas é na terra, na floresta, no território, que está o nosso verdadeiro lar. É de lá que vem a nossa força e é por ele que seguimos lutando.

» MARIA EDUARDA LAVOCAT

Sair da aldeia e chegar a Brasília é atravessar dois mundos. De um lado, a vida em meio à natureza, onde o tempo é marcado pelo ritmo da terra, pelo som dos rios e pelo coletivo que sustenta a comunidade. Do outro, a capital do país, com seus prédios imponentes, o concreto, o trânsito intenso e um modo de vida acelerado e distante dessa relação direta com o território. Para muitos povos indígenas, esse deslocamento não é apenas geográfico, mas também sensorial, cultural e emocional. O corpo e a alma sentem o impacto do clima seco, da poluição e da rotina urbana. Ainda assim, é nesse cenário que lideranças e jovens indígenas chegam para lutar por direitos, dar visibilidade às suas demandas e garantir a continuidade de seus povos. Entre o estranhamento e a resistência, Brasília se torna, ao mesmo tempo, um espaço de confronto e de voz.



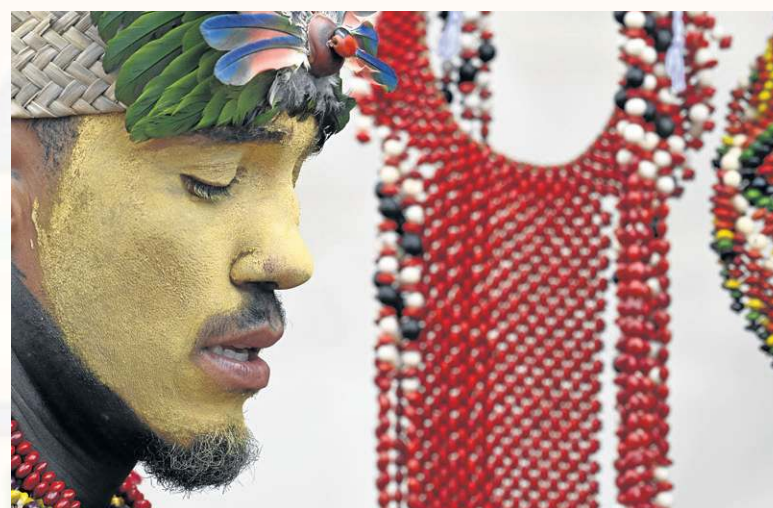
**VICE-CACIQUE TATUARÁ, RUBENS RAMOS DA SILVA, 41 ANOS**  
ETNIA: TUPINAMBÁ; EXTREMO SUL DA BAHIA

- Às vezes, a gente estranha, se sente fora do lugar aqui. Mas também é uma experiência, porque, quando olhamos esses prédios altos, a gente também pensa: por que o nosso povo não pode se fortalecer, se expandir, ocupar espaços? E é isso que estamos fazendo. Hoje, além de resistir, também buscamos nossos parentes que estão na cidade, que foram afastados, excluídos.



**LEONARDO ALCÂNTARA ALVES, 17 ANOS**  
ETNIA: TERENA; MATO GROSSO DO SUL

- Quando cheguei, senti um frio na barriga, um misto de surpresa e encantamento. Ao mesmo tempo que é bonito, também dá uma sensação de estar um pouco perdido. Mas aí eu encontrei os parentes. Vi tanta gente reunida, tantos povos, tantas histórias. E isso trouxe acolhimento. Fez aquele estranhamento virar pertencimento.



**CAIQUE TUPURUMÃ, 32 ANOS**  
ETNIA: PATAXÓ; ALDEIA BARRA VELHA, SUL DA BAHIA

- Vir a Brasília nunca é por acaso. Já são anos participando dessa caminhada, dessa luta que se repete, mas nunca perde o sentido. A gente sai da aldeia com um propósito maior: buscar o que é básico e, principalmente, lutar pela demarcação do nosso território. Porque sem terra demarcada, não há paz. Há ameaça, há invasão, há medo constante.



**TOHÓ PATAXÓ, 37 ANOS**  
ETNIA: PATAXÓ; ALDEIA FLECHA FORTE, EXTREMO SUL DA BAHIA

- Vir a Brasília nunca é apenas uma viagem. É um chamado. É quando nossas vozes se encontram e se fortalecem. A gente vem com um propósito: levar daqui caminhos para proteger o nosso território, denunciar o que vivemos e seguir lutando pelos nossos direitos. Mas a cidade é um contraste. O corpo sente. O calor é diferente, o ar é seco. Para quem vem da mata, onde o ar é vivo, isso impacta. Não é uma sensação fácil.



**TANARA PATAXÓ, 25 ANOS**  
ETNIA: PATAXÓ; ALDEIA VELHA, REGIÃO DE PORTO SEGURO, BAHIA

Os prédios, o avanço das construções, tudo isso revela uma distância da natureza que, para nós, é difícil de não sentir. Existe uma sensação de afastamento daquilo que é essencial. Ao mesmo tempo, também existe força, porque aqui também estão os povos indígenas. Estão as vozes que resistem, que informam, que lutam para manter viva a nossa cultura e para que ela seja respeitada.